

SEMANA RELIGIOSA

BRACARENSE

LITTERARIA E NOTICIOSA

Sexta feira 12 de Julho de 1878

IV VOL. N.º 164.



BRAGA:

TYPOGRAPHIA LUSITANA

Rua Nova n.º 4

1878.

Tendo em consideração que o jornal intitulado *A Semana Religiosa Bracarense* é principalmente destinado a interessar o clero d'este Arcebisado no movimento ecclesiastico, que n'elle possa haver; e que por meio do mesmo jornal as Nossas Pastoraes, Provisões d'interesse geral e quaesquer outras medidas governativas, que Nos seja necessario tomar, podem chegar mais facilmente ao conhecimento tanto do clero como dos fieis, o que muito convém á disciplina ecclesiastica d'esta vastissima Archidiocese Primacial; Havemos por bem ordenar que os documentos publicados no mesmo jornal, e que forem por Nós assignados, sejam reputados como verdadeiros e authenticos, para todos os seus effeitos.

Residencia no Seminario de S. Pedro, 22 de maio de 1875.

João, Arcebispo Primaz.

A SEMANA RELIGIOSA BRACARENSE.

Expediente ecclesiastico do Arcebispado de Braga.

Relação das dispensas matrimoniaes concedidas gratuitamente pela Nunciatura Apostolica em 25 de Junho ultimo, e remettidas n'esta data ao juizo apostolico d'esta Archidiocese, para lhes ser dada execução, na forma do estylo :

Antonio Alvares de Oliveira e Maria Bernardina da Costa, da freguezia de Santo André de Palme.

Antonio Dias Vieira e Maria Dias, da freguezia de S. Romão do Neiva.

Antonio Joaquim Ferreira e Rosalina Maria de Sousa, da freguezia de S. Pedro de Rubiães.

Antonio Maria e Maria Joaquina, da freguezia de S. Sebastião da Carva.

Antonio Marques Pisco e Rosa Martins Victorino, da freguezia de S. Thyago do Castello de Neiva.

Firmino Antonio, filho de Prudencia Fernandes, e Isabel Luiza, da freguezia de Santa Maria de Fiães.

Francisco Joaquim Pedreira Affonso e Rosa Brandão, da freguezia de S. Mamede de Ferreira.

João Lourenço Villas e Guilhermina Candida, da freguezia de S. Pedro de Gondarem.

João Soares da Costa e Maria da Costa, da freguezia de Santa Eulalia de Negreiros.

Joaquim José Vieira e Maria Rosa, da freguezia de S. Vicente de Fornellos.

José Correia Pedras e Emilia Rosa, da freguezia de S. Thyago de Outiz.

Manoel Pinto e Anna Correia Fatal, da freguezia de S. Miguel de Poiares.

Manoel Villarinho e Maria Rosalia, da freguezia de S. Martinho de Manhente.

Sebastião Francisco Capa e Thereza Maria Capa, da freguezia de Santa Maria de Panoias.

Paço Archiepiscopal de Braga, 9 de Julho de 1878.

O Secretario do Exc.^{mo} Prelado,

Egydio Azevedo.

PARTE OFFICIAL

Ministerio dos negocios ecclesiasticos e de justiça

DIRECÇÃO GERAL DOS NEGOCIOS ECCLESIASTICOS

1.^a Repartição

Presbyteros apresentados pelo decreto de 27 de Junho ultimo.

O presbytero Custodio José Tavares—apresentado na egreja de S. Bartholomeu da Castanheira, diocese de Lisboa.

IV Vol.

SEXTA FEIRA 12 DE JULHO DE 1878

N.^o 164.

O presbytero José Luiz de Gouveia Rabasco, parochô de Nossa Senhora de Assumpção de S. Gonçalo, diocese da Guarda — apresentado na de Nossa Senhora da Purificação, de Sacavem, diocese de Lisboa.

O presbytero Manuel Francisco dos Santos—apresentado na igreja parochial de S. Cosme e Damião de Gemunde, diocese do Porto.

O presbytero João Soares de Azevedo, parochô de Santo Izidoro de Romariz, diocese do Porto—apresentado na igreja parochial de S. Verissimo de Paranhos, da mesma diocese.

—*—

Em virtude de resolução superior, se declara aberto o concurso documental, pelo prazo de 30 dias, a contar do dia 2 do corrente, para provimento das igrejas parochias constantes da relação seguinte :

Agrella (S. Pedro), concelho de Santo Thyrso, diocese do Porto.

Arega (Nossa Senhora da Conceição), concelho de Figueiró dos Vinhos, diocese de Coimbra.

Cezimbra (Sant'Iago), concelho de Cezimbra, diocese de Lisboa.

Covão do Lobo (S. Salvador), concelho de Vagos, diocese de Aveiro.

Crugeira (Nossa Senhora das Neves), concelho da Guarda, diocese da Guarda.

Ervedal (S. Bernabé), concelho de Aviz, diocese de Evora.

Santa Justa (Santa Justa), concelho de Arraiolos, diocese de Evora.

Travanca (S. Mamede), concelho da Feira, diocese do Porto.

Trofa (S. Salvador), concelho de Agueda, diocese de Aveiro.

Velhos (Sant'Iago), concelho de Arruda, diocese de Lisboa.

Na mesma conformidade se declara aberto concurso, pelo prazo de sessenta dias, para provimento da igreja parochial de Nossa Senhora da Conceição do Machico, no concelho do Machico, diocese do Funchal.

SECÇÃO RELIGIOSA

O seculo de Augusto, Jesus de Nazareth e o Christianismo.

Ao meu particular amigo,

DR. CONSTANTINO BOTELHO DE LACERDA LOBO.

I

Immersa em espessas trevas jazia a humanidade, agrilhoada ao despotismo dos Cezares, vinculada pelos ferros de uma escravidão dura e feroz, obscurecida pelos seus erros e vicios, devorada pelas paixões e guerras intestinas, quando, no meio de tão profunda escuridão e dos tão encontrados embates da existência agitadissima d'aquella infeliz sociedade, despontou e surgiu uma luz brilhante e esplendidissima, que rasgou aquellas trevas e dissipou aquellas sombras de uma servidão vil e abjecta, quebrando as algemas e as gargalheiras, que arroxavam e feriam o pulso e a cerviz da humanidade attribulada!

Gemia, triste e desconsolado o mundo; confrangia-se e attribulava-

se a sociedade, contemplando as desordens e as luctas, que a perturbavam a cada momento; crescia de ponto a anciedade pela radical reforma dos governos e dos povos; os costumes tinham perdido a sua primitiva rigidez; as paixões campeavam infrenes e delirantes; os prazeres eram a principal *lei vigente*; a moralidade uma cousa vã; a familia, que para todos é uma consolação e um abrigo, era uma impostura; e a sociedade n'estas condições um impossivel; e no meio de tantas vilezas, de tão repetidas deshonestidades e de tão frequentes delictos, appareceu uma luz, brilhante como o sol, limpida como o crystal, formosa como a lua, e esplendida como as auroras boreaes!

Essa fulgente luz, que alumiou a todos; esse sol radiante, que com seus deslumbrantes raios, dourou as cumiadas dos montes e as profundezas dos valles; essa aurora brilhantissima da grande regeneração social,—foi o *christianismo*!

Os povos do oriente e do meio dia, do septentrião e do occidente, todos ambicionavam esta luz, todos unanimemente esperavam anciosos pela sua regeneração.

Povos e reis, livres e escravos, senhores e servos, todos, sem excepção de um só, careciam d'ella.

A degradação e o aviltamento, a que havia descido a humanidade inteira, precisavam de um remedio heroico, que cortasse pela raiz este tão grande mal.

A pureza dos costumes havia já ha muito, espavorida e envergonhada, desaparecido de sobre a face da terra, para dar logar aos torpes vicios, ás degradantes paixões e aos nefandos crimes, que a historia refere com lagrimas em suas paginas de sangue.

Nem as escholas philosophicas, nem os sabios, nem os politicos, haviam sequer, com os seus discursos, com seus escriptos e exemplos, melhorado o estado morbido da velha sociedade, já tão decrepita.

Para que ella remoçasse, para que ella se tornasse digna das promessas feitas outr'ora por Jehovah aos seus servos Abrahão, Isaac e Jacob, era necessario que se travasse uma nova e renhida lucta entre o polytheismo imbecil e o monotheismo potente; entre as forças humanas, que, quebradas pelos sentimentos ignobeis, costumes licenciosos e vilipendios infames, se debilitavam e enfraqueciam cada vez mais,—e a vontade omnipotente de um Deus misericordiosissimo, que queria desviar do abysmo a humanidade desunida e desvairada, fazel-a entrar nos caminhos rectos da verdade e da justiça e salvar todos os homens (1) das ferreas cadeias do peccado e de miseria, conducindo-os a um doce abrigo de confortos, de consolações e de alegrias, que jámais sentiram peitos pagãos!

Com passos de gigante a sociedade avançava mais e mais para o abysmo, cavado pelo desordenado viver de uma epocha tão degenerada, como aquella, e, precipitar-se-hia certamente em tão profunda, como medonha voragem, a não ser que houvesse uma causa poderosissima, que a sustivesse e a levantasse do abatimento, em que ella vivia!

Deus, porém, teve compaixão dos homens!

(1) *I ad Tim*, II, 4 Salvatore nostro Deo, qui omnes homines vult salvos fieri, et ad agnitionem veritatis venire.

Gosava alfim as doçuras da paz o velho mundo, que ainda arquejava, fatigado de longas e porfiadas luctas e de sanguinolentas guerras, que haviam ceifado milhares e milhares de preciosas existencias!

Os campos, regados por caudalosos rios de sangue, viam-se agora cobertos de louros e tropheus das victorias ganhas e da paz alcançada!

As espadas, que tantas vidas tinham cortado, que tantas lagrimas haviam feito derramar, e que de tantas orphandades tinham sido a causa, embainharam-se alfim, envergonhadas das cruezas commettidas!

Com admiração universal viram-se fechadas pela primeira vez as portas do templo de Jano!

Desde os montes Herminios, na Lusitania, até ás margens do Euphrates, desde o mar até aos confins da Mauritania, tremulavam em paz os estandartes da republica!

Como as hervas e florzinhas do campo, açoutadas e sem alento, se remoçam e se erguem viçosas, passado o vendaval, que as fez curvar; assim tambem os povos, prostrados e opprimidos por tão mortíferas perturbações, se alevantaram do seu abatimento, no fim de tão copiosa chuva de sangue, que alagou os campos, esterilizando-os

As victorias trouxeram a paz, que agora estavam gosando; a paz firmou a sua segurança; e esta segurança permittiu que empregassem a sua actividade, arroteando, lavrando e semeando os seus extensos campos; e que a abundancia começasse a renascer então no gremio das nações.

A paz trasia, pois, comsigo a fertilidade, o suave descanço das agitadas lides bellicosas e uma tranquillidade, que, havia muitos annos, se não tinha gosado.

Floresciam os campos, prosperavam o commercio e as industrias; e o povo, vendo assegurada a sua existencia, farto de pão, affirmava, que volvia novamente a idade d'ouro.

As mães aleitavam com prazer seus estremecidos filhos, certas de que as lides do cruel Marte não viriam agora feril-os em seus braços.

O estrepito das armas já não apavorava as timidias creanças, que receiavam, que, em qualquer ataque, a foice homicida da morte cortasse a preciosa existencia de seus queridos paes, enluctando-as assim com uma desvalida orphandade.

As musas, que haviam fugido assustadas e espavoridas com o tinir das espadas e com os golpes das lanças, pela primeira vez tinham pousado sobre o capitolio.

A illustrações guerreiras succediam celebridades litterarias!

Já não se discutiam planos d'ataque, nem systemas de defesa, nem fornecimento d'armas, nem castigos, nem proscipções; mas, sim, apreciava-se o merecimento das tragedias de Vario Lucio; citavam-se com louvor Musa, medico de Augusto, Cornelio Severo,—o Hypocrates dos latinos.—Plocio, Valgio e outros.

Fundavam-se e abriam-se bibliothecas, escreviam-se livros e fasia-se d'elles uma leitura publica.

Os jardins de Mecenas eram frequentados por uma numerosa pleiade de litteratos.

Ovidio, afinando as suas voluptuosas lyras, escrevia as *Metamorphoses* e a *Arte de amar*; Horacio cantava o seu protector e os seus generosos vinhos de *Chypre* e de *Phalerno*; e o cisne de Mantua, o immortal Publio Virgilio, exhalava seus cantos immorredouros!

III

E não obstante estes tempos felizes, que haviam voltado, a prazer de todos; não obstante esta tranquillidade, que reinava geralmente; lavrava comtudo nos animos uma grave preocupação, e um certo presentimento se espalhava entre os povos.

Jámais havia sido vista e apreciada uma tão pacifica serenidade, como a que estavam gosando agora; paz mais bella ainda não tinha existido; e comtudo ella não podia satisfazer as necessidades, que experimentava a geração, que vivia n'aquelle tempo.

No seio das cidades surgiam e levantavam-se rumores mysteriosos, que eram espalhados logo pelas aldeias; os oraculos eram a cada passo consultados, e as poesias sybellinas eram lidas com profunda anciedade.

As tradições cumêas e hebraicas, que gosavam de maior celebridade, fallavam de um rei, que havia de vir do oriente da Judea para governar o mundo.

Na tenda do Arabe, na choupana do Dacio, nas ruas, nas quintas, nas praças, á beira dos rios, no alto mar, em toda a parte cada qual se inquiria do novo seculo, que estava por vir.

Excitados pela mesma anciedade, os homens agitavam-se. Os do septentrião e do poente voltavam os olhos para o oriente, e os das regiões da aurora dirigiam-os para o occidente; de maneira que n'este tempo pela vez primeira se encontraram as vistas de todos os habitantes da terra quasi no mesmo logar, que foi o berço da humanidade!

Os palacios e as cabanas, as cidades e as aldeias esperavam com impaciencia o dia annunciado.

Nunca se havia experimentado um alvorôço tão geral, nunca havia existido uma similhante expectativa!

Por esse tempo ordenou Octaviano Cezar Augusto, por um edito de censo, o arrolamento dos habitantes do seu imperio, para saber quantas cabeças protegia a sua espada sempre victoriosa.

Decahia já o triste outono; as chuvas torrenciaes, despenhando-se com estrepito, e o vento silvando nas franças copadas dos arvores nas alturas das montanhas, annunciavam que a estação desabrida do inverno, que se aproximava, não concedia senão inclemencias e fadigas.

Nuvens pesadas e sombrias corriam velozes, pela atmospherá humida.

Começava rigoroso o inverno d'aquelle anno, sempre memoravel nos fastos da humanidade!—o do anno 750 da fundação de Roma (2).

(2) E' muito difficil, senão impossivel, acertar com o anno, em que teve logar o nascimento de Jesus Christo. *Cezar Cantu* declara que a era christá está atrasada 5 annos, 9 mezes e 7 dias por isso mesmo, que ella deve contar-se do anno 747 de Roma, 40 da era juliana, 39

As estradas do imperio eram percorridas em todas as direcções por milhares de pessoas, que regressavam á terra da sua naturalidade, para dar cumprimento ao edito de Augusto.

Entre ellas caminhava um humilde e obscuro carpinteiro, que, vindo da Galilea, se dirigia a Bethlem na Judea, d'onde era natural. Acompanhava-o Maria, sua esposa.

A sua florente mocidade; os seus louros cabellos; a sua casta e singular formosura deslumbrante; a fraquesa da sua compleição; o encanto, doçura e alegria de seus olhos de um verde fino, mas não claro (3); a meiguice e brandura do seu tracto; um composto de perfeições, que nunca teve igual; e as esperanças, que tinha, de gosar em breve das doçuras da maternidade, tudo concorria para que Maria fosse respeitada e venerada com entranhavel amor por todos aquelles, que a contemplavam.

Chegados os dois esposos a Bethlem, não acharam hospedagem alguma; as opulentas familias não consentiram em seu seio quem era tão pobre e tão obscuro; as portas dos grandes e dos pequenos acharam-se fechadas para Aquella que trasia em seu ventre o Senhor dos mundos;—*aquelle*, que dá o orvalho á flôr, a chuva aos campos, a ferti-

do reinado d'Augusto, 25 depois da batalha d'Accio, 35 do reinado de Herodes na Judea, quando eram consules Antistio Veter e Lelio Balbo. *Calmet e Jansens* affirmam que a era vulgar differe da verdadeira data do nascimento de Christo em 3 annos e 6 dias. *Tertulliano* e *S. Ireneu* marcam para este facto o anno 41 do reinado d'Augusto; e *Clemente Alexandrino, Eusebio, S. Epiphanio e Orosio* o anno 42. *Dannenmayr* entende que ha uma differença de 4 annos, e *Magnan* sustenta n'um livro, que publicou em Roma em 1772, intitulado *problema de anno nativitatis Christi*, que ha uma differença de 8 annos.

O dr. João Alzog, porém, diz, que a base para resolver esta questão está no cap. III do Evangelho de S. Lucas, v. 1.^o—que começa por estas palavras: *Anno quinto decimo imperii Tiberii Caesaris etc.*, onde se narra o começo da pregação de S. João Baptista, que teve lugar no anno 15.^o do reinado de Tiberio. Este anno 15.^o deve reputar-se o anno 780 da fundação de Roma; porque foi no anno 765, dois annos antes da morte de Augusto, que Tiberio foi adjuncto á pessoa do imperador e investido da dignidade imperial; e juntando áquelle anno 765 os 15 do reinado de Tiberio, que já haviam decorrido antes do começo do ministerio de S. João Baptista, teremos o predicto anno 780 da fundação de Roma. Deduzindo, porém, os 30 annos da idade de Christo, que elle tinha, quando começou a sua pregação evangelica, pouco depois do principio da vida publica do Baptista, obteremos então o anno 750, que parece ser o do seu nascimento. Mas tudo isto são hypotheses, que não dão certesa alguma sobre a epocha de um factó tão importante; e por mais que se procure, por mais indagações que se faça, e por mais que se diga, nada poderá esclarecer esta questão. (Vide «Apontamentos de Historia Ecclesiastica» pag. 131 e seg. e *Histoire universelle de l'Eglise* par le dr. Jean Alzog, 4.^o edition de Paris, vol. 1.^o, pag. 110, § 33.)

(3) Orsini, *Historia da Mãe de Deus*, cap. V.

lidade ás terras, o sol ás cearas, os fructos ás arvores, e a existencia e a vida ao nada!

Acharam, porém, agasalho e conforto, onde não havia corações humanos, que sentissem ternura e compaixão por uma joven mãe; encontraram hospedagem, onde não havia as soberbas dos grandes, nem a vaidade dos opulentos; mas, sim, a humildade e o desconforto da pobreza!

Nasceu, finalmente, Jesus—um pobre infante, que nem sequer teve, como Moysés, um berço de junco, e que os homens não quiseram hospedar em suas casas, mas que era o alvo de todas as vistas, a conversação constante, tanto nos palacios, como nas choupanas; á beira-mar, como nos montes; nas florestas, como nos campos; o annunciado pelos prophetas, o desejado das nações, o Messias prometido, o Libertador do genero humano, que vinha ao mundo, por amor dos homens, ensinar as eternas verdades do bem e da justiça, prégar a lei da fraternidade, unir os mesmos homens, tornal-os irmãos e abrir-lhes as portas da Jerusalem celeste.

Raiára, enfim, a aurora brilhantissima da nossa redempção!

IV

Jesus encheu o mundo com os seus maravilhosos prodigios; admirou os sabios com a sua angelica doutrina; verberou e amaldiçoou os hypocritas e os maus; fulminou o orgulho e o despotismo; exaltou e engrandeceu os fracos e os pobres; acariciou e amimou as creanças; e tinha sempre para cada tristeza uma consolação; para cada magoa um conforto; para cada doença um balsamo; para cada pobre uma esmola; para cada injuria um perdão; e para todos uma doutrina nova, sublime, admiravel, celestial, que a todos convencia, a todos dominava e a todos arrastava apoz de si.

Elle, que viera ao mundo ensinar a verdadeira e sincera piedade, que se manifesta por um culto todo do espirito, (4) tinha, para as exagerações supersticiosas e aparato das longas preces dos pharisens, sempre uma arguição constante, sempre uma aspera censura. (5)

Elle, que era casto, affavel e triste, cujos labios raras vezes se abriam em um sorriso repassado de tristezas e amarguras, cujos olhos azues como o céu, suaves como a brisa fagueira da tarde, melancolicos como a solidão, derramavam ardentes lagrimas, ao ver os males da humanidade afflicta; Elle, que era benigno e pacifico, enche-se de uma santa colera e de uma justa indignação, ao expulsar do templo de seu Pae aquelles que n'elle mercadejavam!

As multidões seguiam-O desde os montes da Galilea até á beira do lago de Tiberiades; desde as cidades até aos campos da Judea; e por toda a parte O acompanhavam, arrastadas pela singela eloquencia da sua divina palavra. Os enfermos, os cegos, os rachiticos, todos á porfia O procuravam, e sempre encontravam n'Elle remedio efficaz para as suas molestias do corpo, e doutrina benefica e reparadora para as suas almas, sequiosas da verdade.

(4) *S. Joan.* IV, 24. Spiritus Deus; et eos qui adorant eum, in spiritu et veritate oportet adorare.

(5) Veja-se todo o cap. XXIII de *S. Math.*

Na mais obscura aldeia da pequena Judea, como na mais famigerada synagoga; no ermo, como na cidade, Elle sempre exaltou a humildade e a virtude, sempre condemnou a soberba e o vicio, sempre espalhou a mãos abertas as bênçãos e os beneficios, sarando os leprosos, curando os enfermos, dando vista aos cegos, vida aos mortos, e, sobretudo, o perdão aos peccadores!

Que sublime e divina missão! que sympathico e generoso Nazareno! que excelso e adoravel Jesus!

«(Creado no trabalho, diz um grande orador nosso, (6) desconhecido dos seus, perseguido pelos tyrannos, insultado pelos sacerdotes, casto, meigo, triste, os labios se lhe abriram para a prégação da doutrina, d'aquella doutrina tão singela como um idyllio e tão profunda como o mar; e a sua palavra, que podia ser mais pavorosa do que o trovão, é a palavra branda do amor; a sua guerra aos inimigos, são lagrimas e orações; o seu raio vingador é o olvido e o perdão das injurias; o seu sceptro o soffrimento; e o seu diadema uma corôa de espinhos. Não encontra um asylo, tendo creado o universo; tem frio, tendo formado o sol; padece sede, tendo feito apparecer todas as aguas; sente fome, sendo seus todos os alimentos; é victima dos juizes do mundo, havendo em si todos os poderes. E depois de confundir os fortes e exaltar os debéis; depois de afagar as creancinhas e instruir as mulheres do povo; depois de ter allumiado os ignorantes, consolado os opprimidos, alentado todos os que padecem as inclemencias e as injustiças da terra, supporta o supplicio affrontoso dos ultimos criminosos, estende os braços sobre a cruz, e inclina a cabeça sobre o peito, como para abranger a humanidade e chamar a si todos os homens, porque em verdade a sua morte era a vida do mundo».

No dia em que este Homem Deus foi pregado na cruz, manifestou-se nos céos um phenomeno nunca visto. Enluctou-se visivelmente a natureza; o sol escureceu-se; trevas espessas envolveram a face do mundo, e todos os povos tremaram, vendo tão famoso prodigio!

O rochedo do Calvario fendeu-se e partiu-se em dois; e os geologos ainda hoje não poderam dar a razão de tão singular fractura! (7)

O véu do templo rasgou-se de alto abaixo, sem que mão alguma o tocasse!

Muitos, que dormiam já o somno eterno, esperando por este prodigioso acontecimento, resurgiram dos seus solitarios túmulos e appareceram publicamente em Jerusalem!

A vida de tão singular Personagem, acompanhada de tantos prodigios desde o seu nascimento até a sua morte, é uma grandiosa epopea de factos estupendos, que jamais existiram semelhantes na historia do mundo.

E se todos estes factos nos arrancam do peito um grito de admiração, quanto mais os dois mais notaveis que se deram em toda a sua vida; isto é: a sua milagrosa Resurreição e a sua gloriosa Ascensão?

Todos elles deram uma auctoridade infallivel á sua admiravel doutrina e aos seus divinos ensinamentos.

(6) Alves Mendes, *Italia* pag. 56.

(7) Vid. Manndrell, Flemming, Shau, Viagens, tom II, cap. 3.

A velha e decrepita sociedade começou então a desmorronar-se, não pelo impulso das armas, mas por effeito da persuasão da doutrina celestial, ensinada por Jesus de Nazareth, o Messias promettido.

Triumpharam os pobres e os humildes, sem guerras; a paciencia combateu e venceu o orgulho; o soffrimento e o martyrio desarmou a crueldade.

O sangue do Justo secundou a sua divina palavra; a sua constancia na dôr alcançou a victoria; e os despresadores e motejadores das regeneradoras e salutaes doutrinas de Jesus Nazareno, os algozes da innocencia e da mansidão, assombrados com este espetaculo singular, unico na historia da humanidade, convertiam-se, clamando que só Deus podia inspirar e possuir tanta força e tanta coragem para padecer pelos homens!

De todos que viviam nas trevas do paganismo, que perdiam o alento sob a dura escravidão a leis ainda mais duras, e que padeciam fome e sêde da justiça, formou Jesus Christo uma sociedade sua, instruindo-os, morigerando-os e conduzindo-os ao abrigado e bonançoso porto da salvação eterna.

Esta sociedade foi o — *christianismo*.

V

Doze pobres e obscuros pescadores da Galilea, chamados e enviados por Jesus Christo para continuarem a sua grandiosa obra da redempção do genero humano, começaram a fazer as suas pregações, espalhando-se pelas diversas partes do mundo, então conhecido.

Com a sua palavra rude, e com os poderes conferidos pelo Divino Mestre, encetaram estes humildes missionarios a instrucção e a conversão do mundo inteiro!

O conhecimento do Evangelho em breve chegou ás diferentes regiões da terra, e os Apostolos da *Boa-nova*, despidos de todo o auxilio humano, mas protegidos pela omnipotencia de Deus, que os havia mandado, perseguidos cruelmente, padecendo fomes e torturas, não deixaram porisso de levantar em todos os pontos da terra a cruz — o grande altar, onde se consummou o sacrificio da redempção humana!

Correu copioso o sangue de muitissimos, que, convertidos á religião augusta do Crucificado, soffreram os mais dolorosos martyrios e os mais requintados tormentos, que homens selvagens jámais poderam inventar contra os seus semelhantes.

Mas os tormentos, e a propria morte nunca os intimidaram; e de Jerusalem até ás Hespanhas, da Europa e da Asia até á Africa, o Evangelho foi ensinado a todos os povos.

A par do mundo decrepito e moribundo, cuja agonia era coberta de flores, cujo ultimo suspiro se exhalou entre devassidões e perfumes, caminhavam, pobres, desprotegidos e sós, os discipulos de Jesus, victimas votadas ás cruizas do povo romano, como cordeiros entre lobos, alvos das calumnias, das vaias e apupos dos ricos e dos pseudo-sabios, horror da plebe, que se acostumou a vel-os morrer, como malfeteiros, grandes criminosos e conspiradores contra a segurança dos estados!

Até então a escravidão das mulheres era feroz, a servidão das raças cruel, a opressão dos pobres impia, o abatimento dos clientes duro, e a desigualdade de condições sem rasão de ser.

Mas eis que a divina palavra revôa do Calvario, onde se havia perpetrado o mais negro dos crimes, para as differentes partes da terra!

A liberdade, a fraternidade, a caridade apparecem então no mundo, prégada pelo christianismo, que emancipa a mulher, dá alforria ao escravo, protege o ignorante, sustenta o indigente, eguala as distancias, que separavam os homens, e nivela as classes, levantando o proletario á dignidade de homem.

Os fructos da civilisação christã são bem conhecidos e saboreados por todos.

A historia ahí está patente para attestar o quanto o mundo moderno, as suas salutaes instituições, os seus justos progressos, as suas desinvolidas industrias e a sua prosperidade devem aos principios benéficos, ás doutrinas maravilhosas, aos fecundos exemplos ensinados e apresentados pelo christianismo.

Assim todos comprehendessem hoje, e se compenstrassem bem d'estas verdades, que pelo christianismo foram expendidas e manifestadas para todos!

Desgraçadamente vivemos n'uma epocha que publicamente se ufana de impia e opposta ás verdades eternas do christianismo; não se lembrando os homens de que não pode existir por muito tempo uma sociedade sem crenças religiosas, principalmente christãs; porque estas são o firme sustentaculo da ordem, da harmonia e da prosperidade dos povos.

Bem devem lembrar se que nunca os estados do mundo, ainda mesmo aquelles que se dizem christãos, floresceram tanto, nem foram mais brilhantes as paginas da historia da sua administração civil e politica, das suas descobertas, das suas conquistas, como quando mais profundas foram as suas crenças christãs, mais fervorosa a sua devoção, mais exactamente cumpridos os suaves preceitos da augusta religião do Divino Martyr do Golgotha.

Bem grandes fomos nós, os portuguezes, em outras eras, em que, sahindo barra fóra, os galeões, com o pendão das quinas desfraldado aos ventos, entregues á protecção de Deus e da sua Virgem Mãe, demandavam novos mundos, onde os nossos missionarios conquistaram pela cruz mais perolas para engastar na corôa dos nossos reis, do que os guerreiros, pela força das armas!

E' que a obediencia e a submissão préga-se e persuade-se com rasões e argumentos irrespondiveis da dialectica christã, e não no meio do fumo das batalhas, e do correr do sangue dos moribundos!

A força vence, e só a verdade convence!

Bem poderosos eramos nós, quando os nossos missionarios, deixando matar-se pelos selvagens, nas inhospitas paragens das Indias, da Oceania ou da America, sellando por esta forma com o martyrio a verdade do christianismo, que prégavam com abnegação, conquistavam novos e ricos florões para a corôa real, e trasiam, submissos, aos pés dos nossos monarchas, tantos povos de tão diversos climas, de tão differentes costumes, e de tão diversas linguas!...

E' que as emprezas, que são protegidas pela augusta religião de Christo, são sempre abençoadas e prosperam; mas quando as paixões humanas, e a cega e desordenada ambição dos homens commettem taes emprezas, sem algum auxilio do christianismo, os homens succumbem, e não realisam os seus feitos intentados!

Mas os homens de hoje... andam desviados dos verdadeiros caminhos da cilisação christã; as idéas religiosas são muito *importunas* e pouco conformes com o seu *livre* pensar; por isso... o *socialismo* se propaga consideravelmente, a sociedade enfraquece, os governos perdem o prestigio, e a segurança interna dos estados periga.

Vamos! Deixemos; combatamos com denôdo e condemnemos com energia as tão perniciosas ideas do seculo actual; restabeleçamos no seu maior esplendor o christianismo; curvemos os joelhos ante o Rei dos reis, o Senhor dos senhores, o Deus da paz e das misericordias, e oremos e peçâmos com fervor e confiança para que Elle faça prosperar os generosos estados christãos, que, sem o seu divino auxilio, certamente perecerão; resurjamos do estado d'abatimento e de decadencia, em que jazemos, pondo os olhos n' Aquelle, que nos pode dar a prosperidade, o socego e a felicidade n'esta vida, e a bemaventurança na vida eterna.

Deus assim o permita!

Braga 7 de Julho de 1878.

E. A.

A EGREJA CATHOLICA

Unico poder tolerante e liberal.

(Continuação)

XLIX.—INTOLERANCIA DAS EGREJAS PROTESTANTES. DESPOTISMO SEM CONTRA-PEZO DOS PRINCIPES, SEUS CHEFES, QUE REUNEM OS DOIS PODERES.

Eis agora uma objecção que nos teem feito os protestantes. Queremos responder-lhe para justificar o nosso titulo e demonstrar que a Igreja catholica é no mundo perfeitamente o *unico* poder tolerante e liberal, porque é ella a unica auctoridade exclusivamente espiritual.

«Se a Igreja catholica é uma sociedade espiritual, porque não tem outro meio d'acção além da palavra e da persuasão, diz-se-nos, o mesmo se dá com as Igrejas protestantes e scismaticas e qualquer sociedade puramente religiosa. Não tendes pois rasão de revindicar para a Igreja catholica unicamente, o character tolerante e liberal».

Não ha entre ellas analogia nenhuma, apesar das apparencias e este raciocinio repousa sobre um equivoco. As igrejas protestantes, como quantas sociedades religiosas, não são mais do que uma rodagem da sociedade politica, porisso que ellas teem o *mesmo chefe que esta ultima*.

O *protestantismo*, diz o protestante Mosheim, não aboliu o Papado, sómente o transferiu para o poder civil.

«A Reforma, diz o pastor Vinet, separando-se da Igreja de Roma,

«teve de, para achar um chefe, se dirigir ao povo ou ao poder civil. «O seu principio impellia-a para o povo; mas em geral, para ter uma «auctoridade presente e visivel dirigiu-se ao poder que *ella fez bispo*. Tal «é o caracter das egrejas protestantes. Reduzem-se a estas palavras: «EPISCOPADO DO GOVERNO CIVIL (1).

Alguns, Vinet designa esta situação pelo nome mais exacto ainda de CEZAREOPAPIA.

Porque effeito d'optica os protestantes que fallam sempre de liberdade veem uma franquia em o novo estado de coisas creado pelos seus antepassados? Nós não vemos n'isso independentemente da humilhante dependencia da sua Igreja, senão a porta aberta ao *despotismo sem contra-pezo dos principes, que reúnem o poder temporal e o espirital*.

A reunião d'estes dois poderes, em Roma, era uma excepção na sociedade christã, e precisamente a garantia da sua separação no resto do mundo, como o reconhecem Odilon Barrot. Nos paizes protestantes é a regra.

O protestantismo substituiu d'este modo, a uma auctoridade exclusivamente espirital, uma auctoridade ao mesmo tempo unica e dupla, armada d'um gladio material, e pronunciando em ultima instancia na sua propria causa. E vangloria-se da sua obra! E elle se crê, ou se diz liberal! E accusa a Igreja catholica de não o ser! Pois na realidade pode-se inverter os papeis a este ponto, e fazer mentir assim a linguagem que se falla!

(Continúa).

PRELADOS BRACARENSES

CVIII

D. Verissimo d'Alemcastro, 108.^o arcebispo de Braga
Cardeal, pelos annos de 1671 até 1692,

Sendo { Sum. Pont.—Clemente X—Innocencio XI.
Reis de Port.—D. Affonso VI—Regente e depois rei de Portugal—D. Pedro II.

Depois d'estar vaga por 30 annos a Sé bracarense, o principe regente D. Pedro nomeou D. Verissimo para que a occupasse. Era filho legitimo de D. Francisco Luiz d'Alencastre, terceiro commendador mór d'Aviz, e descendente do snr. D. Jorge, tronco da extincta casa dos Duques d'Aveiro.

Formou-se em Canones; foi conego e thesoureiro mór da cathedral d'Evora, deputado e inquisidor do santo officio da mesma cidade e da de Lisboa; do conselho d'el-rei e seu sumilher de cortina; eleito bispo de Lamego, o que não aceitou; e ultimamente arcebispo de Braga, de que tomou posse por seu procurador a 8 de Julho de 1671, fazendo a sua entrada solemne na cidade com grandes demonstrações de gosto dos seus moradores a 3 de Novembro do mesmo anno.

(1) *Essai sur la manif. des conv. relig.*, p. 362.

Visitou logo o arcebispado e applicou-se com grande zelo a todas as obrigações do encargo pastoral. Dadim e Nogueiró, duas egrejas distinctas nos suburbios de Braga, reduziu-as a uma só, que apresentava o vigario da sé.

Com grande segredo renunciou o arcebispado, e em 27 de Março de 1677 com sentimento e saudade dos bracarenses, passou a Lisboa, provido em inquisidor geral d'este reino. D. Pedro emquanto regente e depois de rei, o estimou muito:—fel-o conselheiro d'Estado;—deu-lhe a nomina de cardeal nacional, e com effeito Innocencio XI o creou cardeal da S. Egreja Romana em 12 de Setembro de 1686. Falleceu em Lisboa a 13 de Dezembro de 1692 e jaz sepultado em capella propria ao adro da egreja de S. Pedro d'Alcantara.

NOTICIAS E FACTOS DIVERSOS

Sua Santidade o Papa Leão XIII, dirigiu uma interessante carta ao Em.^{mo} Cardeal Vigario, com data de 26 de Junho, a qual não podemos hoje dar aos nossos leitores, por falta d'espaco, o que faremos no n.^o seguinte.

—*—

A «Ave-Maria», jornal que se publica nos Estados-Unidos, em uma serie de *Reminiscencias de Pio IX*, conta uma curiosa entrevista que teve Sua Santidade quando simples arcebispo de Spoleto, com Luiz Napoleão.

No anno de 1831, um bando de insurreccionados entrou violentamente n'aquella cidade, aterrorisando os seus pacificos habitantes; porém, bem depressa foram dominados, e tratados sem misericordia. Uma tarde, quando ainda resoavam as ruas do Spoleto com as enfurecidas ameaças do povo resentido, achava-se o arcebispo entregue ao estudo, tristemente meditando nos fataes resultados das paixões humanas. De subito ouve passos no quarto contiguo, e indo observar, encontra-se com um homem desconhecido.

Entretanto o estrangeiro ajoelhou humildemente, e disse:

—Desejo que vossa eminencia me olhe com compaixão e se digne amparar-me. Sou um fugitivo a quem perseguem. A policia anda no meu rasto; porém, pude atravessar a cidade sem ser visto, e d'esta maneira chegar ao palacio arcebispal. Tenha vossa eminencia misericordia de mim; salve-me de uma morte ignominiosa.

Acabava elle de pronunciar estas palavras, quando se ouviu o grito de «morram os insurreccionados».

—Ouvis este grito de morte? Exclamou com voz lastimosa. Estou perdido, se me não protegeis.

Commovido o arcebispo com as ferventes supplicas do joven que tinha á vista, e, ardendo em santa caridade pelo proximo, disse-lhe com doçura:

—Entraste na minha casa, a casa de um servo de Deus; o Senhor é quem vos enviou á minha presença, e é Elle quem quer que eu vos proteja. Eu vos ampararei e nao sereis entregue. Podeis permanecer aqui até que a escuridade da noite possa favorecer a vossa fuga.

O fugitivo com os olhos arrazados de lagrimas agradeceu fervorosamente ao arcebispo tão assignalada protecção em momentos de tanto perigo.

Perguntou-lhe em seguida o prelado se tinha fome, e recebendo uma resposta affirmativa, se apressou em trazer-lhe pão, vinho e viandas, dizendo-lhe: —Comei e cobrae forças, e orae se podeis. Tenho que me retirar; quando for noite fechada, um criado fiel vos acompanhará e conduzirá aos arrabaldes da cidade.

Ao cabo de algum tempo apresentou-se novamente o arcebispo ao fugitivo dizendo-lhe :

—São horas, deveis marchar já, pois acabo de saber que corre o rumor de que alguns fugitivos estão albergados no palacio episcopal; o povo começa a murmurar.

Não é o medo que me aconselha que deveis partir quanto antes, senão a incerteza de vos poderdes salvar em rompendo o dia. Peço-vos então que vos escapeis sem perda de tempo.

—Quando nascer o sol, disse o fugitivo, encontrar-me-hei nos ultimos limites do territorio papal, e poderei considerar-me salvo.

Lembre-se de mim vossa eminencia nas suas orações: lembre-se de Luiz Napoleão.

Surprehendeu se, não pouco, o arcebispo com o nome do fugitivo; porém conteve-se e acrescentou:

—Logo, sois vós um d'esses mal aconselhados e desgraçados principes que...

—Que tem desembainhado a espada, contestou o joven, em defesa da liberdade, egualdade e fraternidade. Sou effectivamente Luiz Napoleão, sobrinho d'aquelle imperador, que em uma occasião...

—Que em uma occasião, interrompeu o arcebispo, tratou de arrancar Pio VI do throno pontificio e encarcerou na cidade de Fontainebleau Pio VII...

—Tambem sou sobrinho do cardeal Fiesch. Receba vossa eminencia o solemne juramento, de que jámais em toda a minha vida me olvidarei de vossa eminencia, e de que, quando se cumprir o meu destino, e segundo espero e prevejo, chegue a herdar a corôa imperial de meu tio, darei a vossa eminencia provas de agradecimento, por me haver salvo a vida.

Em taes circumstancias, teve logar a primeira entrevista entre Pio IX e o futuro imperador dos francezes. O joven Napoleão escapou-se de Spoleto, chegou a Ancona, onde residia sua mãe, a rainha Hortence.

ANNUNCIOS

Sermões do padre Martinho Antonio Pereira da Silva.

Já se acham á venda o 1.º vol.=*Mysterios*, e o 2.º=*Panegyricos*, nas livrarias Chardron, Porto e Braga.

Preço avulso de cada volume, 4:200 reis.

Ainda se recebem assignaturas pelo preço de 800 reis cada vol.— O 3.º vol. deve estar á venda no fim de Junho.
